



LITERATURA NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA NAÇÃO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DA PROPOSTA DE MÁRIO PINTO DE ANDRADE

Mansambu Kilezi Neves Ukaka ¹

Andrea Cristina Muraro ²

RESUMO

A história das produções literárias dos escritores africanos é completa de ineditismo, tende a se configurar em contextos de produção de elevada importância no entorno dos países em que os autores são originários. Identificada o objeto "cartas" do projeto de pesquisa em causa, o recorte elaborado é sobre a amplitude de relacionamento de Mário Pinto de Andrade em seu turnê para o mundo, com foco para sua leitura acerca da formação do indivíduo na sociedade, dentro de uma noção cultural que identifica indivíduo (culto) enquanto "ser (conhecedor) da/na (sua) terra", não mais de "ser dotado de saberes universalistas" (que a bem da verdade, naquele contexto colonial, tendia pelo crivo da superioridade e inferioridade entre seres sobre saberes de culturas, sociedades e etc...). Essa formação do indivíduo obedeceria duas visões identificadas, a primeira visão que perpassa no âmbito pessoal de Mário, a segunda visão está no plano imaterial do Mário. No âmbito pessoal é visível vários momentos: num primeiro momento, desprovendo-se, por parte do Mário, de qualquer maturidade, foi costurado pela família, noutro momento centra-se na dimensão formal da formação do indivíduo na sociedade, finalmente, o último momento, o da maturidade do saber sobre a formação a partir da ação de Mário, através das várias instâncias nacionais e internacionais como agente político e acadêmico. A relevância deste trabalho investigativo deve evidenciar-se pela capacidade dialógica existente nas trocas das cartas de Mário com outras individualidades e coletividades, apontando os efeitos de sentido que criavam dentro da perspectiva da construção de nações e identidades que naqueles contextos (final do período colonial e o pós colonial) representava o deixar de um passado histórico nada favorável para todos que viveram a geração de Cabral, porém revolucionário, no processo libertatário. O método dedutivo, visando analisar criticamente os textos confrontados, obteve-se os resultados esperados neste recorte da pesquisa apontando a originalidade propositiva textual basilar da formação da literatura angolana e a proposta da formação do indivíduo na sociedade a partir de Mário Pinto de Andrade. A iniciação científica como um espaço de pesquisa, obtenção e partilha de conhecimentos proporciona, aos seus participantes, oportunidade de elevado nível de problematização, de universalização, sistematização e harmonização de conhecimentos já existentes com vista a novas leituras ou novos saberes.

Palavras-chave: Formação; Literaturas; Indivíduo; Nação.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente,
mansambu.ukaka@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Docente,
muraro@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre as trocas de correspondências de Mário Pinto de Andrade entra no seu segundo eixo de recorte que atua na amplitude de relações, bem como, observa as dinâmicas propositivas quanto à cultura e literatura decorrentes na entrevista concedida a Michel Laban em 1984. Assim posto, a relevância desta pesquisa fundamenta-se no fato de ser constatada elementos que indicam duas circunstâncias inéditas, sendo a primeira, voltada para os textos prosódicos com tom de denúncias que estariam na base da formação da literatura angolana e, a segunda, voltada para mobilizações de duas gerações (Geração oitocentista e Geração de Cabral) que estariam dentro das amplitudes de relacionamentos do Mário Pinto de Andrade, mas que para o recorte aqui elaborado mira a formação do indivíduo (em primeira instância "visão material", o Mário, posteriormente "visão imaterial", o ser nativo da terra), este à consciência coletiva ou nacional.

Partindo do pressuposto de que, a pesquisa visa observar as configurações dialógicas e ao qual teor baseia-se às conversas de Mário com Laban, identifica-se quatro objetivos fundamentais da parte recortada nesta pesquisa: primeiramente, a de detectar o rompimento e a ruptura das tensões políticas nas narrativas epistolares como dinâmica social quanto a formação; segundo, o de determinar como espaço e discurso político se articula nas correspondências por meio de estratégias discursivas; terceiro, o de coligir a correspondência de teor literário; e quarto, o de observar proposta social da formação do indivíduo e da nação na vigência colonial.

O ponto de partida do recorte da pesquisa está no detalhamento efetuado por Mário em entrevista ao Michel Laban, em 1984. É possível observar que Mário nos cinco primeiros capítulos das entrevistas realizadas em Paris nos dias 19 e 26 de março, 2 e 6 de abril, 22 de novembro de 1984, relata ao Laban, as três gerações que influenciaram para sua formação enquanto sujeito na sociedade. Na primeira Geração, que ele chama de "geração oitocentista" encontram-se na esteira do jornalismo, estes que enfrentaram a governação imperialista, uns sob bandeira reformista, outros sob bandeira do independentismo. Na segunda geração, Mário teve influência do que ele mesmo alcunha de "lumpenaristocracia" ou "corrente nativista"- velhos que tinham relacionamento de amizade e familiaridade (Laban, 1984, p.44), conservadores aos costumes culturais da terra, que ajudaram-no em sua formação tradicional, acadêmica e social. Na terceira geração, a qual fez parte, Mário chama de "geração de 50" ou a famosa "geração de Cabral" - cujo protagonismo reivindicatório culminou com as independências.

Neste trabalho apresentam-se duas partes essenciais, uma é da metodologia, onde serão especificados métodos aplicados na coleta de dados e estratégias de abordagem na análise, outra é dos resultados e discussão, onde serão avaliados aspectos ligados à noção do ser culto, formação do indivíduo, proposta da formação do indivíduo a consciência nacional.

METODOLOGIA

Observou-se neste último recorte da pesquisa qualitativa feita, de duas fontes basilares, a entrevista de Mário Pinto de Andrade ao Michel Laban, em 1984, e o capítulo de "Angolense" da obra "As origens do nacionalismo Africano" de Mário Pinto de Andrade, em 1997, traços que evidenciam estratégias de modus operandis deste escritor quanto ao seu ideal na construção da nação.

Não obstante, como previsto no plano de trabalho da pesquisa, portanto, este projeto utilizará o método dedutivo, partindo da leitura e seleção de eventos que possam caracterizar o objeto (cartas) dentro do



contexto de alguns atores (aqui, Mário Pinto de Andrade) entendendo que a análise de cartas remetidas será recortada a fim de projetar aspectos importantes, quiçá desconhecidos, da produção literária dos remetentes e destinatários, mas que colaboram para elucidar pontos como a construção de seus projetos literários, tendo em vista principalmente sua atuação também no contexto político em que estavam inseridos entre os anos 40 e 70. A seguir, as análises confrontaram o objeto e referências teórico-críticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A noção que abre a discussão está ligada à uma percepção necessária que Mário sempre considera de forma indireta, reconhecendo a literatura como estratégia do fazer e de alimentar a cultura. Essa percepção é resultado de toda uma abordagem que Mário Pinto de Andrade efectua, de forma implícita, nas suas produções textuais. Essa compreensão da cultura faz-se oportuna quando vamos recorrer a leitura de Victor Kajibanga (1999) tentando explicar como Mário entendia que:

[...] a cultura compreende tudo o que é socialmente herdado ou transmitido, o seu domínio engloba uma série de factos dos mais diferentes: crenças, conhecimentos, literatura (muitas vezes tão rica, então sob a forma oral, entre os povos sem escrita) são elementos culturais do mesmo modo que a linguagem ou qualquer outro sistema de símbolos (emblemas religiosos, por exemplo) que é o seu veículo, regras de parentesco, sistemas de educação, formas de governo e todos os outros modos segundo os quais se ordenam as relações sociais são igualmente culturais; gestos, atitudes do corpo, até mesmo as expressões do rosto, provêm da cultura, sendo em larga escala coisas socialmente adquiridas, por via da educação ou instituições; tipos de habitação ou de vestuário, instrumentos de trabalho, objectos de trabalho, objectos fabricados e objectos de arte, sempre tradicionais, pelo menos em algum grau - representam, entre outros elementos, a cultura sob o seu objecto material. (ANDRADE, 1952, p.3)

Ao recortar literatura, como um agente de cultura onde pela oralidade também podem ser transmitidas conhecimentos sobre tudo e todos no mundo, evidencia e reconhece que os não letrados, como era o problema dos nativos no período colonial, deveriam ser tidos como seres providos de cultura, em grande larga, seres cultos, mesmo que desassistidos das habilidades de escrita convencional. Ainda nessa linha de pensamento, eleger um ser superior ao outro com base na aquisição ou não das habilidades de escrita do tradicional critério eurocêntrico é desproporcional, haja vista que desconsidera-se outro formato da linguagem (a oralidade) que habilita e dota os seres humanos.

Feitas as ponderações iniciais, vale a pena introduzir o pertinente papel da literatura na formação de seres junta à sociedade, nessa análise específica em Angola, Mário (1997, p. 50) Mário (1997, p. 50) diz que, dos poucos letrados que haveria e que diante do contexto social opressivo em que estavam, a formação de indivíduos pode contar com a presença de "[...] leitura dos escritores das gerações oitocentistas, os quais explicitam um jogo de oposições entre as tentativas de consolidação da ocupação colonial[...]". O interessante mesmo é perceber a escolha do estilo de gênero textual para produzirem as suas denúncias. É a prosa, o gênero literário que vincou, como Mário argumenta que: "Produtora de um jornalismo de opinião, a elite dos 'filhos da terra' exercita-se no estilo característico de prosa polêmica. Esse escol de letrados discorre sobre a conflitualidade social que enfrenta e as formas de identidade cultural que busca." (ANDRADE, 1997, p.50)



No seu trabalho sobre "Origens do Nacionalismo Africano", Mário (1997, p.53) enfatiza o protagonismo de jornalistas da geração oitocentista quando afirma que "Considerada à luz da dinâmica histórica, a elite de letrados angolenses constitui ainda um somatório de consciências individuais[...]", fato que nos leva considerar que, embora tal construção não fora uníssona, a simbiose protestatária mobilizada para formar indivíduos letrados e não letrados sobre as coisas da terra serviu, diante da observação feita, como sementeira do processo libertário quanto a formação dos indivíduos e da nação, este à consciência coletiva que resultaria, posteriormente, na independência de Angola.

As grandes temáticas que concentrariam os esforços da luta na forma de expressão, afirmação e valorização do nativo, encontrariam amparo, segundo Mário (1997, p.52), em Joaquim Dias Cordeiro da Matta, que protagonizou através dos seus textos publicados em 1891 e 1893, respectivamente, pensamentos que miravam três paradigmas ou "perspectivas identitárias", que são: "a língua, as tradições e a literatura".

A geração oitocentista teve dois paradigmas que predominaram: Literatura e Língua. A literatura foi utilizada como esteira para expressão, afirmação e valorização de tudo que era nativo. A geração da lumpenaristocracia também teve dois paradigmas que apoiou-se para concentrar seus esforços na forma de expressão, afirmação e valorização da identidade nativa: a tradição e a literatura. Para esse recorte do processo de formação do indivíduo e da nação é notória que há dois grupos que Mário considera fundamental para sua formação - O grupo dos fundadores da Liga Nacional Africana, onde o paradigma que predominava foi a tradição como identidade nativa. No grupo dos dois tios, o paradigma da identidade que predomina é a literatura, como acima já exposto. Já na geração de Cabral é fundamental elencar que os paradigmas que se notabilizam são a língua e a literatura. Entende-se que o melhor mesmo é alcunhá-la de "geração de 50", devido às primeiras idealizações do grupo que se faziam no campo literário e não no campo político. Pois há de convir que "geração de Cabral" é mais na dimensão política e internacional, enquanto que "geração de 50" é mais para dimensão literária e nacional. Feito esse detalhamento, importa indicar as grandes mobilizações que essa geração elaborou para continuar a acender a tocha independentista. A amplitude da relação juntou Mário e Viriato da Cruz para uma amizade que se revelaria além do plano pessoal. Que das trocas de correspondências entre Mário (na altura, 1948, em Lisboa) e Viriato (em Luanda), surgiu a ideia da criação do movimento "vamos descobrir Angola".

Então, entendendo-se que os paradigmas identitários que governam a geração de 50 vão ser a língua e a literatura, pois nelas se materializam as grandes discussões que expressavam, afirmavam e valorizavam o sentimento de nativo de Angola, mesmo que fora de Angola, por razões diversas. Quanto à esses dois paradigmas, vale a pena considerar que "A riqueza e disponibilidade do vocabulário das línguas negro-africanas serviu ao florescimento duma abundante literatura oral: mitos e lendas, contos, provérbios, enigmas, poemas - nenhum domínio de imaginação criadora é estrangeiro aos negros-africanos[...]" (ANDRADE, 1958, p. XIII)

Um fator interessante nesse processo libertário é compreender como o texto "Rimatekenu", contribuiu no paradigma ou perspectiva identitária de língua na formação da consciência coletiva dos angolanos a partir da língua originária. Em síntese o texto, a Magna Carta do Kimbundo, que foi produzida em decorrência do apelo de Mário, na discussão sobre a Língua Kimbundu, mobilizando consciências de nativos à valorização da



língua nativa. É nítida, na tradução da Magna Carta do Kimbundu, o apelo para apropriação da língua nativa como parte do processo fundamental. Tal ideia, não limitava-se unicamente neste mecanismo de mobilização (apelo amplo), tendia também incorporar-se nos corpos dos textos literários como forma de evidenciar e reforçar a importância literária das línguas nativas. Essa estratégia de mobilização pode ver-se nos títulos como quitandeira, de Agostinho Neto, Makèzú de Viriato da Cruz, Muxima Teté, de Henrique Guerra, e, de António Jacinto.

CONCLUSÕES

A literatura está intrinsecamente na gênese da formação do indivíduo e da nação. Portanto, o indivíduo pode obter conhecimentos ou saberes por via oral, com isso, despertar sua consciência coletiva. A compreensão estabelecida sobre as amplitudes de relacionamento de Mário Pinto de Andrade quanto a sua formação enquanto indivíduo na sociedade e suas observações acerca da condição do nativo Angolense sob administração colonial no tocante a inclusão no sistema de ensino, permite-nos teorizar sua crítica quanto silenciamento das outras formas ou realidades de aquisição e transmissão do saber dos negros filhos de Angola. Que para seu entendimento, a colonização ao afastar esse bem dos nativos, colocaria os negros numa posição de obscurantismo.

Outra percepção suscitada na pesquisa está plano positivo e propositivo que, Mário, enquanto escritor e agente político registra sobre o importante papel embrionário da literatura no processo da formação do indivíduo, este que, uma vez formado, mobiliza saberes coletivos sobre sua terra, o que muito significam para nativos no contexto de repressão colonial, vislumbrando-se num plano imaterial, com uma trajetória que emancipava geração após geração na tomada de consciência para o bem coletivo que é a independência de Angola do império Português.

A literatura enquanto instrumento de manifestação dos sentimentos de nativos de Angola, foi utilizada, por gerações que se bateram contra administração colonial, como a base da forma expressão, afirmação e valorização das identidades do nativo, numa dinâmica que visava recuperar três grandes paradigmas a língua da terra, a tradição da terra e a literatura oral da terra.

A proposta da formação do indivíduo do indivíduo e da nação, de Mário Pinto de Andrade, mostra-se viável para nações que desejam investir numa formação pluralista e que almejam sugerir adoção e aplicação de saberes coletivistas aos seus nativos, como estratégia de segurança e soberania da nação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Mayamona;

Agradeço à professora doutora Andrea Cristina;

Agradeço à FUNCAP e UNILAB.

REFERÊNCIAS



LABAN, M. Mário Pinto de Andrade uma entrevista. Edições João Sá da Costa, Lisboa, v. 1, 1997.

ANDRADE, M. P. Origens do Nacionalismo Africano: continuidades e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa 1911-1961. Publicações Dom Quixote, Lisboa, v.1, 1997.

ANDRADE, M. P. Antologia de Poesia Africana de Expressão Portuguesa. Pierre-Jean Oswald, Paris, 1958